

# ENSINANDO SOBRE O “AMOR INTELIGENTE”

## Memória discursiva e religiosidade silenciada em *The Love School* da Igreja Universal do Reino de Deus

Karla Regina Macena Pereira Patriota Bronsztein<sup>1</sup>

### Introdução

O que vemos na sociedade contemporânea e midiática, descrita por Guy Debord (1997) como a Sociedade do Espetáculo, é o revestimento das telas de TV de uma aura religiosa peculiar, que é manifesta na intensidade e quantidade de programas religiosos diários. Tais programas vão desde a transmissão integral de cultos e missas, dramatizações da vida real, testemunhos e consultas espirituais ao vivo, realização de milagres e exorcismos virtuais, até programas que ensinam como estabelecer, de forma divertida, relações amorosas “inteligentes, felizes e duradouras”. É o caso do programa *The Love School* da Igreja Universal do Reino de Deus, transmitido pela Rede Record e na internet, por meio da IURD TV.

Pensando nessa fórmula específica e modalizada de propagação da mensagem religiosa da Igreja Universal, este *paper* se propõe a analisar o citado programa (e alguns dos seus produtos) que insere cenas de novelas, entrevista celebridades e promove a “dança de casais” ao som de músicas românticas de sucesso, a partir dos postulados da Análise do Discurso e do conceito de Memória Discursiva, ao mesmo tempo em que traça um paralelo com a questão do sofrimento humano como parte do processo que o discurso religioso sempre se preocupou em trabalhar. Na atualidade, tal sofrimento continua incomodando e fazendo o homem retornar constantemente à busca religiosa, só que no programa *The Love School* tal sofrimento é alicerçado no mundo espetacular das celebridades e do entretenimento, enquanto opera manobras discursivas e silenciamentos necessários para o envolvimento e a conquista do potencial público consumidor da Igreja Universal do Reino de Deus.

Dessa forma, o espetacular religioso acontece com base em uma modalidade específica de fruição social do espetáculo e do entretenimento, possível nas imagens veiculadas no programa da IURD, configurando-se como uma construção social e discursiva numa sociedade, que segundo Lipovetsky (1988) e Baudrillard (1995), tem como o principal sustento dela e de seus personagens, o consumismo.

Ao propagar seus conteúdos em diálogo com a mídia, as organizações religiosas, entre elas de maneira bastante visível a Igreja Universal do Reino Deus, elaboram suas argumentações no estilo que melhor convém para a demonstração de produtos relevantes,

cuidadosamente embalados e, por meio do espetáculo midiático, transmitem uma ideologia vinculada, em sua essência, ao entretenimento e aos interesses econômicos das próprias instituições.

### **Como funciona a Escola do Amor?**

No dia 19 de novembro de 2011, foi ao ar ao vivo, pela primeira vez e em cadeia nacional na Rede Record, um programa que já era transmitido pela Igreja Universal do Reino de Deus - IURD em sua IURD TV<sup>2</sup>. O programa tem como proposta ser uma escola que ensina sobre o amor e suas relações cotidianas. O nome do programa realça a intenção dele: *The Love School – A Escola do Amor*.

*The Love School* é vendido pela emissora com o diferencial da interatividade dos apresentadores, o Bispo da Igreja Universal Renato Cardoso e sua esposa Cristiane (uma das filhas do Bispo Edir Macedo<sup>3</sup>), com o público, através do e-mail<sup>4</sup>, Facebook<sup>5</sup>, Twitter<sup>6</sup> e exibição de vídeos-pergunta, enviados pelos telespectadores, além da interação possível pelo do site da IURD TV ou da TV Record.

A habilitação de ambos para serem os *professores* é sempre lembrada, seja no site da IURD TV ou na exibição da Record: o casal vai fazer 21 anos de casados e têm um filho adolescente, além de terem morado em quatro continentes diferentes ao longo de 20 anos, o que possibilita que apresentem “uma riqueza de entendimento e experiências úteis para pessoas de todas as classes”. A emissora atesta que, por muitos anos, o casal apresentou palestras direcionadas ao casamento e já aconselharam casais do mundo todo a manter um relacionamento saudável e feliz. Diante de tantas experiências, o programa *The Love School*, afiança de que não poderia contar com melhores apresentadores.

A estrutura básica do programa contempla conselhos assertivos e que visam ser eficazes para “ajudar solteiros e comprometidos a alcançarem ou manterem o relacionamento feliz e driblarem as adversidades do cotidiano”. Para fazer jus ao formato de aula, no programa não falta nem a “Lição de Casa”, para que os alunos (como são chamados os telespectadores e/ou internautas) possam praticar o que aprenderam.

Usando a metáfora do casamento como uma dança, o bispo e a sua esposa advertem que os casais “devem aprender e praticar em sincronia”. Por isso, um dos quadros chamado *Laboratório* conta, algumas vezes, com uma dança a dois, o que inclui o casal convidado e o casal apresentador, que dançam ao som de músicas românticas e seculares<sup>7</sup>.

O programa é, costumeiramente, aberto com entusiasmo. Em algumas das aberturas ouvimos: “Olá alunos, bem vindos a *The Love School*, a escola que confronta os mitos e a desinformação nos relacionamentos”, diz o bispo, sendo completado por sua esposa Cristiane: “É onde casais e solteiros aprendem o amor inteligente”.

A cada *aula* imagens associativas e divertidas abrem o espaço para a inserção de assuntos variados, que vão desde como identificar um cafajeste até o questionamento se, de fato, existe alma gêmea, construindo *links* para avaliar e orientar casais durante todo o programa. Usam, inclusive, a análise de cenas de novelas (da própria emissora), tão somente porque, segundo o bispo “a vida imita a arte e a arte imita a vida”.

A Escola do Amor também apresenta convidados especiais, faz entrevistas com celebridades e conta seus exemplos, normalmente mal sucedidos, como no caso de Gretchen, que já casou 14 vezes e de Jeniffer Lopes, que casou 3 vezes e a última separação ocorreu, segundo *The Love School*, por ciúmes e traição. Mas também ilustra o cotidiano das celebridades para explicar a contemporaneidade, como no caso de George Clooney e Brad Pitt, no programa sobre a sensibilidade masculina, ao explicar o surgimento do tipo “metrossexual”, informando aos telespectadores que os dois atores são muito cuidadosos com o corpo e com a aparência, ambos consumidores de cremes e produtos afins. Para em seguida falarem da “feminilização” dos homens e ampliarem a discussão para os relacionamentos.

Na estrutura participativa são inseridos três tipos de quadros: 1. *Tire a dúvida com os professores*, para o qual os internautas gravam uma pergunta em vídeo, de 10 segundos a 1 minuto no formato MP4 ou MOV, salvam no computador e enviam ao programa; 2. *Dois*, quadro que convida os participantes a relatarem a situação que estão vivendo; e 3. *Laboratório*, que recebe casais com problemas do cotidiano e que, por isso, querem desabafar e serem avaliados e orientados pelos consultores amorosos Cris e Renato, como normalmente se tratam no programa. Para isso, os casais participantes, partilham na TV seus dramas e problemas conjugais. Por fim, um quadro que não convoca à participação, chamado de *Amor na Tela*, no qual os apresentadores comentam sobre a maneira como o amor está sendo mostrado nas “telinhas ou telonas” (TV ou cinema), o que abre espaço para que os dois façam críticas e/ou elogios, carregados de juízos de valor e abordagens pessoais.

## A Análise do Discurso e o Sujeito

Quando trabalhamos com os postulados metodológicos da Análise do Discurso (AD), não podemos ignorar que, nesta Escola dos estudos da linguagem, toda a estruturação teórica é totalmente interdisciplinar, abrangendo a materialidade da linguagem, os conceitos da psicanálise e as diversas ciências sociais.

Na Análise do Discurso, o texto é tocado e abordado num contexto bastante amplo, incluindo todos os interlocutores e suas respectivas bagagens: a história pessoal, a situação da produção textual e a própria ideologia dos sujeitos. Portanto tal texto, dentro da AD, não é, de forma alguma, tido por transparente. Ele é entendido e aceito como opaco, principalmente a partir da compreensão da multiplicidade de sentidos que cada texto pode gerar.

É importante lembrar a proposta de Pêcheux (1999) de que, nos discursos, não vamos achar transparência, mas opacidade e certo mutismo. Portanto, o caminho é o de marginalização das significações para procurar sentidos em construção na opacidade do discurso. Assim fazendo, não estaríamos promovendo a re-significância da *significação*, já que isso não diz respeito à mera rejeição ao abandono do semântico, contudo é concebida e pensada no contexto teórico-metodológico da AD – traduzindo a língua em seus termos, a *ideologia*, o *discurso* e ainda o *inconsciente*.

Em outras palavras, é possível afirmar que as *significações*, assim marginalizadas (como também ocorre a marginalização da noção de *sentido literal*), constituem, por sua formatação, em termos temporais e situacionais, parte componente da memória discursiva; essas significações não são eternas, nem sem movimentos. Elas se fragmentam, se desconstroem, se rompem e mudam, por *fermentação*. Mas são imprescindíveis como fundação; como memória, são verdadeiramente as condições de legibilidade.

Dessa forma, dentro dos postulados da AD Francesa, cada sujeito, na produção de um discurso, promove uma relação desse discurso em formulação com o interdiscurso ou memória discursiva, ou seja, com todos os dizeres que já foram, de fato, ditos. Pêcheux afirma que a memória discursiva seria aquilo que, “face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (Pêcheux, 1999, p.52).

Isso ocorre naturalmente, mesmo que o falante não tenha sequer consciência dessa operação discursiva. Sendo assim, em seu discurso, o sujeito fala uma voz sem nome, consideravelmente atravessada e levada ao sabor da ideologia e do inconsciente. Por este motivo, a AD postula que esse saber, que não é ensinado (nem pode ser), produz significativos e importantes efeitos nos discursos produzidos.

Em outras palavras, essa leitura discursiva acaba por considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de uma maneira e o que é dito de outra maneira, procurando entender e escutar o não-dito, exatamente na materialidade do que foi dito, considerando esta ausência como algo significativo.

A nosso ver, isso é constante no programa analisado. O que *não é dito* sobre o trabalho da Igreja Universal para a restauração de relacionamentos amorosos é muito significativo. A igreja tem uma corrente chamada Terapia do Amor, justamente focada em tal objetivo, contudo, o programa *The Love School* se propõe a ajudar a resolver os problemas de relacionamento sem a intermediação direta, pelo menos no seu discurso televisivo, da Igreja (essa ajuda é silenciada na TV, mas inserida implicitamente no jogo de cena dos sujeitos).

A compreensão desse processo se dá quando lançamos mão do conceito de memória discursiva. Tal conceito diz respeito à recorrência de enunciados, separando e elegendo aquilo que, de fato, dentro de uma contingência histórica específica, pode surgir sendo atualizado no discurso ou rejeitado em um novo contexto discursivo – essa ocorrência é capaz de produzir peculiares efeitos. Exatamente como acontece com o discurso *religioso* quando ele adentra certos domínios midiáticos.

Do outro lado, temos o sujeito. A relação do sujeito com o seu discurso é um dos pontos nodais da AD. Pêcheux ofereceu uma formulação do sujeito o identificando com a formação discursiva que o domina, chamando-o de “forma-sujeito”, já que o apresenta como o sujeito afetado pela ideologia. No caso do nosso objeto de análise (e isso é importante ser ressaltado) os falantes são um bispo e a esposa dele que também é uma das filhas do líder máximo da Igreja Universal.

Inicialmente é importante pontuar que o assujeitamento ideológico do sujeito é uma das teses mais caras da AD da Escola Francesa. Isso ocorre porque enquanto é interpelado pela ideologia, o sujeito ocupa um lugar propriamente seu, pois mesmo inserido numa formação discursiva possui uma história particular. Assim vemos Pêcheux afirmar que “cada sujeito é assujeitado no universal como singular ‘insubstituível’”. Ou seja, o

assujeitamento se concretiza simultaneamente na forma da autonomia, que é interna, e na determinação, que é externa. Portanto, o sujeito falante é sustentador das enunciações linguísticas sendo uma forma-sujeito fruto das formações ideológicas<sup>8</sup> imbricadas com as formações discursivas. Isto nos leva a ver a dualidade no sujeito da AD de linha francesa: este sujeito não é totalmente livre, nem totalmente assujeitado.

O Bispo Renato e a esposa Cristiane são líderes religiosos que emitem um discurso totalmente midiático, imbricado com domínios discursivos que se confrontam com os postulados tradicionalmente ligados à religião: celebridades, *show business*, entretenimento, ficção, música, *reality show* etc.

Assim, é importante que lembremos que o discurso pode ser apresentado como um processo caracterizado no social e no histórico, que instaura e inscreve eventos significativos, revelando a constituição do sujeito no contexto da interação linguística. Entretanto, também se torna pertinente a colocação de que o estruturalismo, o materialismo histórico e a psicanálise tendem a ameaçar a sobrevivência do sujeito da linguagem.

Nos suportes teóricos da AD francesa, o sujeito é tido como assujeitado, tanto ao inconsciente, quanto à ideologia ou à própria estrutura da língua. Por outro lado, todo e qualquer discurso pressupõe, necessariamente, protagonistas/enunciadores. Sobral (1999), detalhando essa concepção, apresenta o sujeito discursivo - que anteriormente era considerado o “centro” do processo de produção de sentido - mostrando o seu resgate de um todo social que lhe impossibilitava a ação individual:

O sujeito discursivo aparece aqui com um estatuto de agente mediador de um processo que, enquanto lhe define a identidade em meio à sua interação com outros atores, dele retira bases para sua própria constituição; quer dizer, sujeito e discurso pressupõem-se mutuamente. (Sobral, 1999, p.14).

A partir dessas colocações, postulamos neste trabalho uma concepção de sujeito ativo, ou seja, um sujeito que trabalha e que interfere, não apenas alguém que é meramente afetado pelo discurso. Possenti (2002), afirma, por exemplo, que as condições de produção condicionam, mas não necessariamente determinam, afinal só o entendimento de um sujeito ativo pode explicar porque “as coisas foram como foram”. Como exemplo, temos o diálogo de um casal bispo/esposa com o mundo do entretenimento e das celebridades.

Dessa forma, é possível perceber a inviabilidade de um entendimento do sujeito apenas e integralmente determinado em suas ações linguísticas por outras ações, sejam elas linguísticas, ideológicas ou outras, tidas por *não individuais*.

Ressaltamos ainda que o fato de o sujeito não ser considerado o centro do discurso não significa, necessariamente, que ele seja apenas um sujeito afetado e estático, por meio do qual as determinações sociais chegariam ao Outro. A própria língua permite manobras, desvios ou escapes, fazendo com que ocorra uma escolha no modo do dizer e do não-dizer.

Assim, mesmo entendendo que os elementos individuais e psicológicos não são a determinação última das ações do sujeito, partilhamos com Possenti (2002) a compreensão de um sujeito que formula um discurso resultante de uma representação que lhe é também própria, implicando efeitos de sentido muito diversos. Ou seja, “Ao dizer A e não B, o efeito de sentido não é o mesmo, porque o jogo de imagens do locutor fica explicitado na escolha que faz, trata-se de um ajustamento” (Melo, 1999, p.91).

### **Memória discursiva e religiosidade silenciada em *The Love School***

Para a nossa análise, assistimos uma série de “aulas” do *The Love School* - o que nos possibilitou o agrupamento de um corpus bastante ampliado. Contudo, proceder a análise estruturada de todos esses programas se constituiria como um esforço muito grande, e que seria inviabilizado pelo espaço limitado de um *paper*. Dessa forma, selecionamos alguns trechos entre os vários programas assistidos e realizamos uma análise transversal, trilhando o caminho da Análise do Discurso e considerando que o dizer está sempre atravessado pela ideologia, por relações de poder, conflitos, adesões ou rejeições, formulação de identidades etc.

Dessa forma, a análise a seguir, considerou também o elemento não transparente, a visão da opacidade dos vários sentidos. É justamente nesse ponto que o discurso religioso apresenta novas facetas, especificamente quando ele se processa nos meios de comunicação de massa e sob a égide de uma *escola*: que ensina aos casais acerca dos caminhos mais apropriados para a obtenção de relacionamentos amorosos felizes, aflorando uma peculiar novidade, que é a própria interdiscursividade de domínios, imbricada da interseção entre a mídia e a religião.

A nossa proposta, portanto, foi analisar a materialidade da linguagem, a partir do que está tematizado no discurso, assim como a transmissão desse discurso religioso nos *mass media*. Por séculos, tal discurso foi mantido exclusivamente dentro das quatro paredes dos templos, ou no máximo nas escassas pregações em praças públicas. Agora, esse discurso milenar assume novos contornos e não se conforma mais em ser pronunciado apenas no formato de sermões, ou apenas àqueles que buscam escutá-lo. Ele vai além, e,

sem cerimônia alguma, invade milhões de lares através da televisão, do rádio e da internet, incorporando características de outros domínios discursivos, como o midiático e do *show business*.

São várias as temáticas do *The Love School*, no entanto, as mais recorrentes se situam no território das fórmulas infalíveis e do discurso da autoajuda. Ambas as ênfases se ancoram na tão propaganda felicidade terrena, alicerçada pela Teologia da Prosperidade - TP – estrutura base de toda argumentação da Igreja Universal do Reino de Deus. Tal Teologia teve sua origem na década de 40 nos Estados Unidos, e passou a ser reconhecida como doutrina apenas na década de 70, quando se difundiu pelo meio evangélico. Sempre detentora de um forte cunho de autoajuda e valorização do indivíduo, a TP reúne crenças sobre cura, prosperidade e poder da fé através da confissão da *Palavra* em voz alta e “No Nome de Jesus” para recebimento das bênçãos almejadas. Por meio da Confissão Positiva, o cristão compreende que tem direito a tudo de bom e de melhor que a vida pode oferecer: saúde perfeita, riqueza material, poder para subjugar Satanás, uma vida plena de felicidade e sem problemas. Obviamente, porque o discurso religioso sofre uma espécie de silenciamento no programa *The Love School*, a TP não é trazida no seu formato pleno. Ocorre um visível ajustamento e modalização da sua doutrina fundante e nos *topoi discursivos*, fazendo com que as expressões cristalizadas no vocabulário religioso do neopentecostalismo<sup>9</sup>, não sejam proferidas exatamente como acontece no discurso religioso contemporâneo.

Acreditamos que isso ocorra, em especial com alguns investimentos midiáticos da IURD como o *The Love School*, e gere tão expressiva adesão porque - como a principal representante do neopentecostalismo no Brasil - a Universal sabe dialogar com os interesses dos potenciais fiéis da atualidade. Prova irrefutável é a constante e ininterrupta introdução de novidades na liturgia vivida e na teologia propagada pela Igreja, além das empreitadas midiáticas que camuflam o discurso religioso de sua forma mais tradicional.

Nesse caso os postulados da felicidade, de uma vida sem sofrimento, presentes no próprio slogan da IURD “Pare de Sofrer”, são trabalhados e re-significados pelo discurso do espetáculo. Os programas analisados têm função efetiva nesse processo, pois apresentam em suas estruturas narrativas, enunciados cristalizados e adjetivados que apresentam a fórmula da felicidade e orientações que se ancoram nas premissas dos discursos de autoajuda, exatamente como no discurso ufanista e vitorioso da Teologia da Prosperidade.



Para que fique mais clara tal recorrência, apresentamos a seguir um quadro panorâmico de alguns temas discutidos nos programas apresentados no ano de 2012:

<b>FÓRMULAS MÁGICAS</b>	<b>AUTOAJUDA</b>
Como acabar uma briga em beijos	Recomeçar depois de uma traição
Casamento à moda antiga	Bom humor
Como domesticar seu parceiro(a)	Dicas para 2012 Melhor
Sexo e Relacionamento	Aprenda a valorizar
Como vencer a timidez	Reconquistar
Como encontrar um amor	Cuidar da aparência
O que as mulheres querem	Não seja sentimental
Casamento Blindado	Rejeição

Os temas dos programas, como enunciados cristalizados de uma vida feliz e próspera, evocam toda uma memória discursiva acerca do discurso que alicerça a argumentação convocatória da IURD para o *parar de sofrer*. Contudo, essa memória discursiva de uma vida amorosa feliz e sem sofrimento, é ressignificada pelo discurso espetacular do *The Love School*, que mostra casais (algumas vezes famosos) felizes, prósperos e bem resolvidos afetivamente (ligados a IURD), em contraponto com os casais que são mostrados (mesmo sendo famosos) como infelizes, em brigas, desconfianças, infidelidade e outros malefícios resultantes dos seus relacionamentos amorosos (implicitamente: longe da IURD).

É relevante ainda mencionar que os *professores* não falam da IURD, não mencionam as benesses de pertencer à igreja, mas a vida que encarnam fala por si só. Nas poucas vezes em que fazem referência à obra da Universal é no sentido missionário, como no vídeo em que explicavam a ausência por algumas semanas, fruto de um trabalho missionário fora do país.

Entretanto suas falas revelam que a vida que levam, como sujeitos referenciais, é muito boa e feliz. Ou seja, “plena” como casal. Contudo, para que sejam verdadeiramente referenciais, em várias *aulas*, como no programa de estreia na Rede Record, os professores revelaram que não foi sempre assim. “Teve um dia que eu tive que empurrar a Cristiane do escritório” (situação que ele lembrou novamente no programa sobre cobranças), “mas isso já faz muitos e muitos anos e hoje já estamos casados há 20 anos”.

A experiência dos apresentadores passa a respaldar a estrutura discursiva das suas próprias falas. O Bispo Renato diz: “Se a Cristiane, com sabedoria, me aponta um defeito meu e eu aceito isso com humildade e mudo, isso faz bem para o nosso relacionamento”. Dessa forma, o plano temporal é marcado pelo espontaneísmo destes, que falam sobre si

mesmos, substituindo, na maioria das vezes, o lugar da reflexão temática de cada programa. Ao se apresentarem como modelos, falam para a plateia da mesma forma que se fala na IURD, um discurso carregado de emoção e de “testemunho”. Mesmo que não seja dito que foi Deus quem possibilitou essa felicidade, vemos a estrutura discursiva apresentar, como fio condutor, o ensino sobre a prosperidade e vitórias: “Só estamos juntos hoje por um milagre”, desencadeando a formação de um peculiar modo de ser, que visa propor a substituição gradativa do estilo de vida em que se encontram aqueles que buscam a felicidade amorosa no consumo do programa.

Muito embora o discurso não enfatize a posição ocupada pelos apresentadores dentro da IURD, a fala é sustentada pela base religiosa dos falantes e se ancora na memória de que o apresentador é um bispo, portanto, os sentidos são produzidos a partir dessa posição. Neste contexto, a memória discursiva é presumida a partir de um momento sócio histórico, fazendo que o sujeito migre de uma situação empírica para uma posição discursiva. Na relação discursiva é que as imagens constituem as diferentes posições e, assim, fazem, de fato, algum sentido. Em um dos programas, por exemplo, ao final o bispo Renato disse:

Domingo eu vou abrir essa garrafa. Ela contém um segredo. Qual é o segredo? É a beleza da mulher. A beleza que transcende a idade, a beleza que ultrapassa a de outras mulheres ao redor, é a beleza que cativa os homens. Aqui dentro desta garrafa, está este segredo desta beleza. Eu vou abrir esta garrafa e tirar este segredo. Eu vou falar sobre ele neste domingo às 9h30 da manhã na Vila Mariana. A Cristiane vai estar comigo, e todas as mulheres que desejam ser belas, não só por um dia, não só por uma noite, quando ela vai ao cabeleireiro, quando ela põe a maquiagem, mas sempre. Acordar e o marido olhar para ela e dizer você tá tão bonita, você é tão bonita quando você acorda (olhando para a esposa. Ela rir e suspira de alegria). E continua: É difícil porque quando a mulher acorda, geralmente... Mas se você quer ouvir isso, quer que isso seja verdade, na sua vida, nos vamos falar sobre esse assunto no domingo (Bispo Renato Cardoso – Programa *The Love School*, 2012).

Claramente aqui quem fala é o bispo. Este realizará um culto e faz uma convocação para as telespectadoras receberem (na igreja, no domingo) o segredo que vai torna-las belas: uma espécie de passaporte para a felicidade conjugal. Tal *passaporte* pode ser ofertado porque os apresentadores também encarnam esse ideal de beleza: são magros, bonitos e felizes (a esposa é loira de cabelos longos e lisos – o padrão modelar da contemporaneidade). Soma-se a isso a retórica mágica dos discursos da Teologia da Prosperidade e a sua ênfase no pragmatismo da busca por dias melhores e na necessária pró-atividade do telespectador (potencial fiel). Tão somente porque é na atitude positiva

(base da autoajuda e da TP) frente às lutas e desafios impostos pela vida, e no seguir as fórmulas mágicas oferecidas pelos sujeitos do discurso, que se pode encontrar equilíbrio e a satisfação de suas necessidades e a realização dos sonhos de uma vida amorosa feliz. Ou seja, *parar de sofrer*.

Vale ressaltar que este sentido não está nas palavras, mas antes delas e depois delas, simplesmente porque palavras remetem a palavras. Além do que, os sentidos não estão irrevogavelmente dependentes das intenções, mas permeados e atravessados pelas suas próprias relações com uma formação discursiva peculiar e com uma memória. O padrão físico que expõem fala desse ideal de beleza – perseguido e almejado por boa parte das pessoas. Portanto não existe sentido em si, ele nasce de colocações de caráter ideológico fazendo com que as palavras mudem de sentido de acordo com as posições em que são enunciadas, apreendidas a partir do exterior do discurso.

### **Considerações finais: Proselitismo e conquista de novos fiéis**

Considerando-se que nos últimos 30 anos, o neopentecostalismo crescente no Brasil é fruto de uma conjuntura sociocultural peculiar, cuja face mais expressiva é a significativa transformação confessional de boa parte da população, chegamos à conclusão de que essa recente manifestação religiosa tem afetado toda a sociedade brasileira. Afinal, tal corrente religiosa cresce a todo vapor, não apenas nas camadas mais baixas da população, como foi enfatizado por tantos estudos passados, mas também verificamos hoje uma novidade dentro desse campo que é a sua expansão nos estratos médios e altos (entre os empresários, profissionais liberais e executivos) da população. A mídia tem sido uma forte aliada nessa adesão e crescimento. Prova disso é a convocação para que os telespectadores participem e também chamem outros a assistirem:

Se você tem uma amiga e sente dores de ver a sua amiga sofrendo na mão de um cafajeste, se você conhece alguém que está sofrendo na mão de um canalha, se você fala com ela e ela não acorda, ela gosta, ela se engana, ela acredita nessa pessoa, vê um anjinho, mas o cara é um diabo, você sabe de alguém assim? Olha, sem querer, sem transparecer nada, manda um e-mail, um *linkizinho* para essa pessoa. Olha que programa legal, assiste a isso. Sem dizer o tema, porque ela precisa ouvir o que a gente vai falar aqui hoje: 10 sinais para reconhecer um cafajeste. Deixe o seu comentário na iurdtv.com ou no Facebook (Bispo Renato Cardoso - Programa *The Love School*, 2012).

Ao vermos solicitações como esta, que convocam os telespectadores a serem multiplicadores da mensagem e da audiência, que usam expressões como “anjinho” e

“diabo”, acreditamos que *The Love School* conseguiu formatar uma linguagem específica e eficiente para dialogar com os que seriam mais resistentes aos formatos midiáticos que reproduzem os cultos iurdianos, com exorcismos, solicitação de ofertas e testemunhos de curas de doenças e outras mazelas. O proselitismo religioso é mascarado com a inserção de cenas de novelas e filmes, promessas de fórmulas mágicas (como reconhecer um cafajeste; como encontrar um amor; como acabar com os ciúmes etc), com aparições de celebridades ou a participação de especialistas (psicólogos ou escritores de livros sobre os temas), ou mesmo com a inclusão da população (sem marcas religiosas) que é entrevistada na rua para a composição da linha argumentativa dos programas-aulas.

Em paralelo são feitas outras ações pelo programa que servem para alicerçar o trabalho proselitista e a convocação para a participação na Igreja Universal. Os apresentadores ofertam aulas exclusivas para os seus fãs (pessoas que estão cadastradas na *fanpage*<sup>10</sup> do programa no Facebook) A proposta é de “uma aula exclusiva para nossos alunos no Facebook”. Nesse dia (quinta-feira, 8 de março, às 22h, no horário de Brasília), o Bispo Renato e sua esposa Cristiane deram uma aula “exclusiva” ao vivo para todos os fãs/alunos no site de relacionamento. Na ocasião, os *professores* responderam perguntas e tiraram dúvidas sobre relacionamento amoroso. A aula durou exatamente 1 hora.

Na aula interativa eles também deram mais detalhes sobre a primeira Caminhada do Amor (*The Love Walk*), que aconteceu no dia 1º de abril de 2012, e que, de acordo com os apresentadores foi realizada simultaneamente no Brasil e no mundo. Ainda segundo o Bispo Renato e Cristiane, o objetivo do encontro, “inédito no mundo”, foi a promoção do diálogo entre casais e também “proporcionar aos solteiros a oportunidade de conhecer melhor a pessoa na qual há interesse ou com quem namoram”.

A dinâmica do encontro foi para permitir que os casais se encontrassem e tivessem um momento para dialogar, já que a falta de diálogo “é um dos principais inimigos da vida a dois”. Em São Paulo, local onde os professores/apresentadores residem, o encontro ocorreu no Parque do Ibirapuera e, na abertura do evento, o Bispo Renato realizou uma preleção antes do início dos diálogos entre os casais presentes, que se espalharam, em seguida, pelo parque para conversarem.

Quando procedemos à análise a partir dos postulados de memória discursiva, consideramos que o mecanismo que regula a argumentação presente na preleção do *bispo-professor*, mesmo com o silenciamento do apelo religioso, nos remete à compreensão de que os sentidos são escolhidos e presumidos por antecipação de interpretação, são

produzidos por relações parafrásticas e disponibilizados para discursos futuros. Portanto encontramos um sujeito capaz de deslocar-se, tornar-se observador, ao mesmo tempo em que diz, (de uma forma ou de outra) conforme intenciona na produção de efeitos no interlocutor.

Afinal, todos aqueles casais no Parque, ou os da audiência televisiva, ou ainda os participantes da *fanpage* no Facebook, desejavam a mesma coisa: serem felizes em seus relacionamentos amorosos. Aliás, quem é que não quer ser feliz no relacionamento amoroso? Quem é que não quer parar de sofrer? Trata-se de um discurso fácil de ser circunscrito e aceito de forma ampla, exatamente como o slogan da IURD: “Pare de sofrer”. O entrelaçamento é constante, mesmo que não se mencione, em nenhum momento, a Igreja Universal do Reino de Deus, ou não se faça o convite direto para visita-la ou tornar-se membro dela.

Dessa forma, não é difícil verificar que o discurso da IURD, por meio do *The Love School*, se apoia nos discursos da prosperidade, da autoajuda, do marketing, do entretenimento e da mídia. Isto faz com que os enunciados no programa deixem de ser autocentrados no religioso e se alicercem em outros domínios, travando relações ora contratuais, ora conflituosas com os discursos que lhe fazem fronteira.

Na realidade não é novidade que o discurso da Igreja Universal do Reino de Deus sempre foi fortemente entrelaçado ao domínio midiático. Soma-se a isso o fato de que a religiosidade iurdiana é construída no entrelace com a lógica de mercado, que vende ao fiel a ideia de que a Igreja oferece um caminho viável para suprir suas necessidades mais latentes, ou que tem o produto perfeito para o que cada um precisa (vide a variedade de correntes e produtos comercializados pela IURD).

Isto foi percebido claramente na nossa análise. A IURD para ser bem-sucedida no ultracompetitivo mercado global da religiosidade, precisa fazer circular suas imagens, mensagens e marcas para que seus negócios religiosos e a propagação destes se ajustem ao mecanismo de divulgação, que se faz sob a forma de espetáculo ininterrupto.

Dessa forma, o entretenimento presente no espetáculo religioso da atualidade, caracterizado essencialmente pela lógica da produção em série de imagens, nos revela a atividade religiosa como *shows* (para serem assistidos e consumidos como um produto similar aos da indústria midiática).

Verificamos, no entanto, que a dinâmica dos discursos e práticas da instituição (IURD), buscam não só a manutenção da estrutura básica do seu discurso religioso, mas

também suprir as necessidades materiais da Igreja: o formato *The Love School* sabe otimizar o potencial dos *mass media* como um forte aliado na propagação da doutrina da denominação. É através da mídia que a igreja chega a inúmeros fiéis e cria uma aura de celebridade para os seus apresentadores mais ilustres, já que são justamente estes os que estão permanentemente na televisão e nas rádios mostrando o sucesso e a prosperidade que a Igreja Universal promete a todos os que, com fé, aderem aos seus estatutos.

Assim, o discurso da Universal acaba por determinar a constituição de um modo específico para as experiências religiosas, semelhante àquele ligado à oferta e ao consumo de produtos disponíveis no mercado. Nesse mecanismo de funcionamento, o discurso repousa em formações imaginárias. Estas formações de imagens permitem a passagem de situações empíricas para as posições ocupadas pelos sujeitos no discurso. O que significa no discurso são exatamente essas posições. E elas, necessariamente, significam em relação ao contexto sócio histórico e à memória, ao já dito (ao saber discursivo). Assim, o sujeito falante, neste caso a IURD, na figura de um dos seus bispos (não um bispo qualquer, mas o genro do líder máximo da denominação) compõe a imagem de seus interlocutores (telespectadores e internautas - fãs e seguidores) para dizer-lhe o que diz, podendo até mesmo antecipar o que estes pensarão diante do que é dito. Assim a IURD organiza o seu discurso, antecipando contra argumentações a seu favor.

Por fim, é justamente na memória discursiva que nasce a possibilidade de toda formação discursiva produzir e operar formulações anteriores, que já foram feitas, que já foram enunciadas. No caso analisado, as formulações da TP, com seus alicerces ufanistas da vitória, autoajuda e fim do sofrimento. Em outras palavras, a memória discursiva permite, na infinita rede de formulações, existente no intradiscorso de uma formação discursiva, o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados que pertencem a formações discursivas posicionadas historicamente. Dessa forma, os sentidos são condicionados pelo modo com que os discursos se inscrevem na língua e na história, conseguindo assim, significar.

## **Referências**

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado. Trad. J.J. Moura Ramos. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1974.

BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo. Lisboa: Edições 70, 1995.

DEBORD, Guy. A Sociedade do espetáculo (seguido do prefácio à 4ª edição italiana) e comentários sobre a sociedade do espetáculo. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

LIPOVETSKY, Gilles. A Era do Vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio d'Água, 1988.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. Revista de Estudos Avançados 18 (52), 2004.

MELO, Cristina. Cartas à Redação: uma abordagem discursiva. Campinas. Tese (Doutorado em Linguística), IEL/UNICAMP, 1999.

PECHEUX, Michel e FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. Trad. Péricles Cunha. In: Gadet, F. e Hak, T. (orgs). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et alii. Papel da memória. Trad. e intr. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso. São Paulo: Criar Edições, 2002.

SOBRAL, Adail. Escola Francesa de Análise do Discurso: Elementos para um resgate crítico da noção de lugar social. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral). São Paulo, USP-FFLCH, 1999.

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia, Mestre em Comunicação e Professora do Mestrado e Doutorado em Comunicação e da Graduação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: k.patriota@gmail.com.

<sup>2</sup> www.iurdtv.com, site com transmissão 24 horas por dia.

<sup>3</sup> Fundador e líder da Igreja Universal do Reino de Deus.

<sup>4</sup> escoladoamor@r7.com.

<sup>5</sup> Facebook.com/escoladoamor

<sup>6</sup> @TheLoveSchoolTV; @bprenato; @criscardoso.

<sup>7</sup> As músicas que embalam as danças não são do segmento evangélico nem gospel.

<sup>8</sup> Tidas como um conjunto de textos que apresentam as mesmas regularidades e que se relacionam com a formação ideológica, definida como um ajuntamento complexo de representações e práticas ideológicas atreladas às posições de classes em confronto na esfera de uma dada formação social. Neste contexto, Pêcheux e Fuchs (1975) argumentam que as formações discursivas existem a partir das formações ideológicas. Portanto, as formações ideológicas induzem o que o sujeito pensa e as formações discursivas o que ele diz. Não é à toa que através da formação discursiva o sujeito edifica o seu discurso e acaba por (re)produzir a realidade. É justamente por este atrelamento ao contexto do social que Althusser (1970) vem afirmar que a constituição do sujeito deve ser encontrada no bojo da ideologia.

<sup>9</sup> Encabeçado pela Igreja Universal, o neopentecostalismo é a vertente pentecostal que mais cresce atualmente e a que ocupa maior espaço na televisão brasileira, seja como proprietária de emissoras de TV, seja como produtora e difusora de programas de televangelismo ou outros como o *The Love School*. Do ponto de vista comportamental, é a mais liberal. Haja vista que suprimiu características sectárias tradicionais do pentecostalismo e rompeu com boa parte do ascetismo contracultural tipificado no estereótipo pelo qual os crentes eram reconhecidos e, volta e meia, estigmatizados. (MARIANO, 2004, p. 124).

<sup>10</sup> Páginas de fãs onde os consumidores podem interagir com suas marcas preferidas.